



KOINONIA

Bíblia e Unidade

MOSAICOS DA BÍBLIA

17

Bíblia e negritude: caminhos de aproximação

VILSON CAETANO DE SOUSA JÚNIOR

HEITOR FRISOTTI

MARCOS RODRIGUES DA SILVA

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento da Linha Programática Bíblia e Unidade.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o(a) autor(a), a Linha Programática Bíblia e Unidade/Koinonia.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva a KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço.

EDIÇÃO: Milton Schwantes

REVISÃO: Milton Schwantes, Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho

DIGITAÇÃO: Jane Falconi F. Vaz e José Adriano Filho

DIAGRAMAÇÃO: Aníta Slade

São Paulo, janeiro, fevereiro e março de 1995

KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço

Rua Santo Amaro, 129 Glória
22211-230 Rio de Janeiro RJ Brasil
Tel. (021) 224-6713
Fax (021) 221-3016

Rua Pinheiros, 706 casa 6
05422-001 São Paulo SP Brasil
Tel./fax (011) 280-7461

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO | 3 |
| Bíblia e negritude | 5 |
| EM DEFESA DA PALAVRA <i>Vilson Caetano de Sousa Júnior</i> | |
| Povo negro e Bíblia: caminhos de aproximação | 11 |
| <i>Heitor Frisotti</i> | |
| Terras de pretos, projetos de libertação | 23 |
| ELEMENTOS COMPARATIVOS DA MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA <i>Marcos Rodrigues da Silva</i> | |

APRESENTAÇÃO

A Bíblia sempre esteve presente na vida do povo negro. Entretanto, num primeiro momento, este encontro foi muito difícil. Quando lida para justificar preconceitos ou negar as expressões de fé dos descendentes dos africanos no Brasil, ela tornou-se “uma ferida que ainda dói”.

Se damos tanta importância à palavra de Deus na Sagrada Escritura, precisamos valorizá-la também fora dela. Talvez seja este um dos primeiros desafios colocados para se fazer uma leitura da Bíblia na perspectiva do povo negro.

O sagrado vai além das escrituras. Ele se mostra muito mais naquilo que foi negado e excluído. Precisamos ouvir o que Deus fala, cria e está além dos “textos sagrados”. Precisamos revirar a palavra de Deus, o que não é possível somente a partir de uma expressão de fé.

Nesta nova leitura a cultura passa a ser um dos referenciais imprescindíveis para a compreensão da palavra de Deus. Cada cultura deve ser respeitada junto com outras expressões de fé. Isso é mais que preciso. É exigido como chave hermenêutica para a interpretação da Bíblia.

Cada palavra falada, cantada, deve ser valorizada como boa nova e anúncio do reino, que persiste na memória de homens e mulheres que ao longo de gerações lutam em defesa da “palavra”.

Os editores

Bíblia e negritude

EM DEFESA DA PALAVRA

Vilson Caetano de Sousa Júnior

5

“Os mais velhos contavam a história de que no início do mundo, quando Deus criou tudo o que existe: árvores, pássaros, peixes... Ele disse: Vai-te mundo até o ano dois mil. Nossa Senhora (Maria) que estava atrás dele jogou três punhadinhos de terra. Agora ninguém mais sabe até quando o mundo vai se acabar.”

“Tinha um velho que dizia, que Deus criou tudo no seu devido lugar. O diabo saiu se queixando que Deus havia deixado a boca de sua mãe torta e inventou de consertá-la, virando-a para as costas. Ninguém deve desfazer daquilo que Deus fez!”

“Nossa Senhora teve que fugir do rei que queria matar Jesus. Disse que quando ela ia andando, ‘a rolinha fogo apagou’ ia apagando o rastro do jumento deixado na terra. Assim eles não podiam acompanhar Jesus.”

“Disse que tinha um homem muito rico e Nosso Senhor passou pela porta dele e lhe perguntou: o que você está plantando? Ele respondeu: pedras. Jesus seguiu em frente, passou na porta de um homem muito pobre e lhe fez a mesma pergunta. Ele respondeu: estou plantando algumas sementes para ver se Deus me ajuda e eu possa ter o que comer amanhã. Na primeira roça onde Nosso Senhor passou só deu pedras. Cresceu uma pedreira que não tinha mais tamanho. Na segunda, cresceu um roçado muito bonito e farto.”

Paremos aqui, mesmo que retornemos a algumas dessas histórias posteriormente. Primeiro, é preciso dizer que são histórias, muitas delas já conhecidas. E não precisam ser iguais. Certamente já ouvimos outras semelhantes que o povo conta. Outro fato importante a ser assinalado é o estilo, a simplicidade, marcados pela repetição de palavras. Por isso, insistimos em transcrevê-las literalmente. Não são frases anônimas. Talvez elas sejam ausentes das nossas reflexões teológicas, por preferimos gêneros mais elaborados para falar de Deus. Não são textos anônimos, pois em sua recitação repetitiva, os autores se mostram (“os mais velhos”, “um velho que tinha lá”, “alguém que disse”). Além do mais, cada história é nova e atual no momento em que é contada. Afinal, “quem conta um conto aumenta um ponto”.

Retomemos, agora, trechos de uma literatura que também é bastante popular, o poema escrito pelos sacerdotes no tempo do exílio na Babilônia (586-538 a.C.). Encontramos, pelo menos em Gênesis 1,1-2,4, várias vezes as expressões “Deus disse” e “Deus chamou e assim se fez”. Encontramos a narrativa da criação do céu e da terra, onde Deus cria a luz, o firmamento, os luzeiros, os peixes e todos os seres que deslizam e vivem na água, os pássaros, animais domésticos, répteis e feras, o homem e a mulher, as ervas e os frutos, nomeando-os, chamando-os, dizendo, falando, comunicando e ordenando por meio da palavra. Vamos colocar uma primeira questão que nos servirá como pano de fundo para muitas outras. Se damos tanta importância à palavra de Deus na Sagrada Escritura, precisamos valorizá-la

também fora dela. Talvez este seja um dos primeiros desafios colocados para se fazer uma leitura da Bíblia na perspectiva do povo negro. Precisamos ouvir o Deus que fala, cria e está além dos “textos sagrados”. E nisto, sem sombra de dúvidas, a cultura passa a ser um dos referenciais imprescindíveis. Precisamos revirar a palavra de Deus, o que não é possível somente a partir de uma expressão de fé. Por isso começamos o nosso texto com histórias contadas. Não podemos esquecê-las, como também não esquecer que “a voz do povo é a voz de Deus”.

O povo negro tem um jeito próprio de falar de Deus e de dizer quem Ele é. E faz isso usando muitos símbolos, figuras e imagens do seu dia-a-dia. A Bíblia também nasceu de forma oral. Ela foi gerada no meio de pequenos grupos e produzida ao longo de muitos e muitos anos. Entretanto, contém trechos que não expressam a vida do povo. E certamente não são palavras de Deus. Mas Deus continua falando. O que fazer com a multiplicidade de provérbios, ditos, contos, mitos, histórias, agrupados na “piedade popular” que também contam a história da criação ou ainda nos informam sobre o destino da humanidade? Muitos de nós, ainda nem sequer pensamos nisso. Certamente muitos desses textos foram elaborados após se concluir “os livros inspirados por Deus”. Mas quem vai decidir isso? Sobre a palavra de Deus quem tem a última palavra? Só estamos começando e há muitos motivos para revirmos a palavra de Deus.

A conquista de novos espaços, a exigência de novos paradigmas frente aos novos questionamentos e desafios foram bastante significativos nos últimos dez anos para a reflexão teológica negra. Nesta caminhada, a Bíblia como um dos instrumentais indispensáveis tornou-se muito questionável, principalmente quando queremos que ela seja mais do que cristianismo.

Durante muito tempo, a Sagrada Escritura foi tratada como algo fechado, distante e de difícil acesso às pessoas. Aos poucos, estes livros foram abertos e o que antes parecia ser de alguns, passou a atingir um número bem maior. Mas ainda faltava algo na palavra de Deus. Depois de uma longa caminhada, a Bíblia pode renascer como palavra criadora e geradora de vida nos pequenos grupos.

A Bíblia sempre esteve presente na vida do povo negro. Num primeiro momento, não foi um encontro muito bom e sim, muito duro. E aqui fazemos uso de três imagens bastante inspiradoras, utilizadas por um amigo de caminhada, o padre Heitor Frisotti: “A Bíblia é um prato cheio, uma fonte, mas também uma ferida que ainda dói.” A Bíblia para o povo negro é “uma ferida que ainda dói” quando é lida para justificar uma série de preconceitos. Quando muitos de seus textos são lidos para negar as expressões de fé dos descendentes dos africanos no Brasil, do culto à natureza, dos ancestrais e antepassados, classificando-os como “coisas proibidas e abomináveis diante de Deus”. A Bíblia é, de fato, “um prato cheio”. Precisamos, entretanto, saber como saboreá-lo. Saborear na hora e na medida certas. Afinal, “quem come tudo de uma vez se engasga” e “o apressado come cru”. A Bíblia é sim uma fonte que nos remete a muitas outras coisas. Fonte que nos lembra diversos tipos de água. Então, o segundo passo é buscarmos um caminho para entrar nessa fonte. Certamente há vários caminhos e cada pessoa tem o seu.

Os textos de Êxodo 2,24-25: *Deus viu a condição do povo de Israel e a levou em consideração*, juntamente com 3,7-9: *Javé disse: Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvei o seu clamor contra seus opressores e conheço*

os seus sofrimentos. Por isso, descí para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-los subir desta terra a onde corre leite e mel, até um certo tempo, e não tão longe de nós, eram a grande porta de entrada para se fazer uma articulação entre a Bíblia e a negritude.

Muitas comunidades se reuniram e refletiram sobre a sua história a partir destes textos. Tal descrição é, de fato, muito forte e bonita, porém não acredito que ainda hoje continue sendo uma das melhores portas de acesso à fonte da qual estamos falando. Somente o sofrimento e a opressão não nos representam. Precisamos ir além. Os que mais enrijeceram tal ponto de partida não conseguiram elaborar mais do que uma teologia do sofrimento. A teologia do sofrimento não nos representa. Sabemos, ao contrário, o que ela significou e significa para o povo negro. Ainda é uma ferida que dói.

Pensemos, então, em outras portas de entrada. Sugerimos uma “velha” trilha e já começamos por ela: as histórias populares, os ditos, os contos, provérbios e comparações. E não precisamos ir buscar isto muito longe. A Bíblia está repleta deles. A boca de Jesus está cheia de ditos, contos, histórias, provérbios. A vida do povo negro também. Precisamos valorizar tudo isso como “palavras de Deus”. Se não for, também não tem importância. Deus não precisa de autorização nem de reconhecimento por escrito para continuar falando. Como nas histórias populares, Ele continua passando pelas portas das pessoas, indo ao seu encontro, visitando.

Podemos optar também por outro caminho, como por exemplo, aquele da observância de como a comunidade primitiva falava de Jesus e descrevia o seu jeito de fazer as coisas acontecerem. Tomemos por exemplo algumas curas que ele fez:

Estava na sinagoga um homem possuído por um espírito mal... Jesus ameaçou o espírito mal: 'cale-se e saia daqui' (Marcos 1,23-28)

A sogra de Simão estava na cama, com febre, e logo eles contaram isso à Jesus. Jesus foi aonde ela estava, segurou sua mão, ajudou-a a levantar-se. Então a febre deixou a mulher (Marcos 1,30)

Um leproso chegou perto de Jesus e pediu de joelhos: Se queres, tu tens o poder de me purificar. Jesus então ficou cheio de ira, estendeu a mão, tocou nele e disse: Eu quero, fique purificado (Marcos 1,40-43)

Levaram, então a Jesus um homem surdo e que falava com dificuldades e pediram que Jesus pusesse a mão sobre ele. Jesus se afastou com o homem para longe da multidão; em seguida pôs os dedos no ouvido do homem, cuspiu e com a saliva tocou a sua língua. Depois olhou para os céus, suspirou e disse: Éfatá! Imediatamente os ouvidos do homem se abriram, sua língua se soltou (Marcos 7,32-35)

Algumas pessoas levaram um cego e pediram que Jesus tocasse nele. Jesus pegou o cego pela mão, levou-o para fora do povoado, cuspiu nos olhos dele, pôs as mãos sobre ele e perguntou: você está vendo alguma coisa? O homem levantou os olhos e disse: 'Estou vendo homens, parecem árvores que andam'. Então Jesus pôs de novo as mãos sobre os olhos dele e ele enxergou claramente (Marcos 8,22-25)

Poderíamos multiplicar aqui muitos outros exemplos de ritos de cura descritos na Bíblia. As curas perpassam e marcam todo o movimento de Jesus. E certamente, ao lado de outros curandeiros do seu tempo, Jesus se coloca como curador. Pelo menos, nos parece ser o que está descrito em muitos textos. Não estamos aqui preocupados em chamar a atenção para o estilo das narrativas. Muito menos para

um gênero literário que tantos biblistas já chamaram a atenção, marcado por um cenário composto por uma multidão, um grupo que contexta, o enfermo, o curador, a cura, o momento de glorificação de Deus e, algumas vezes, o segredo. Também não estamos descartando essa contribuição, mas agora nos interessam os rituais de cura que perpassam toda a vida de Jesus que certamente não curou diferentemente dos curandeiros do seu tempo, nem dos de hoje. A vida de muitas pessoas está marcada pela experiência da cura. Curas semelhantes ou bastante diferentes. Ritos que perpassam gerações e se expressam de várias formas em várias tradições.

Escolhemos o evangelho de Marcos porque ele está cheio de curas. Destacamos algumas delas, já que são muitas. Há diversas narrativas. Algumas mais simples, outras mais elaboradas como a cura do cego no capítulo 8 e a cura do surdo e mudo no capítulo 7. A cura do cego Bartimeu é também bastante ilustrativa (Marcos 10,46-52). Muitos textos nos chocam pela força das palavras e descrição do rito: *Cuspiu com a saliva e tocou a língua, fez lama com saliva*. Também nos abalam porque na maioria das vezes lemos tais textos tropeçando sobre estas palavras, sem nos dar conta delas, uma vez que estamos preocupados com o desfecho da história, a glorificação de Deus ou ainda a justificação pela fé. Se prestássemos mais atenção em muitas destas passagens, perceberíamos que não estamos tão longe do tempo de Jesus. Os ritos, hoje, são os mesmos. Se não, as situações são semelhantes. Infelizmente “caçaram” os ritos de cura em muitas igrejas e comunidades. Pena que Deus continuou curando e ao serem fechados os cânones “inspirados por Deus” muitas delas permaneceram fora deles.

Retomemos, agora, a uma narrativa que na maior parte das vezes passa despercebida, talvez pela simplicidade da sua descrição, ou quem sabe pelo fato de situar-se entre a primeira cena da ressurreição da filha de Jairo e o final desta narrativa. Este texto nos marca muito: *Chegou uma mulher que sofria de hemorragia a mais de doze anos, tinha padecido na mão de muitos médicos, gastou tudo que tinha e em vez de melhorar piorou ainda mais. A mulher tinha ouvido falar de Jesus. Então ela foi no meio da multidão, aproximou-se de Jesus por trás e tocou na roupa dele... a hemorragia parou imediatamente* (Marcos 5,24-33).

Aqui nos interessa as diversas maneiras de Jesus curar. O diálogo que segue a este texto é, de fato, muito rico e bastante teológico. Privilegiamos, no entanto, a descrição desta cura. Se lermos rapidamente o texto parece que até carece de um ritual. Mas ele existe.

A primeira parte desta narrativa é muito conhecida por todos nós. Descreve alguém desenganado pela medicina. Lembra-nos os milhões de desenganados não só pelos médicos, mas também pela precariedade do sistema de saúde em nossos dias e pelo descaso das autoridades competentes diante de uma máquina que não cansa de produzir doenças diversificadas. A segunda parte apresenta a cura realizada através do toque na roupa de Jesus.

Na leitura bíblica, o toque e tudo o que remete ao sensual sempre nos chama a atenção. Jesus se dá conta disso e pergunta: “Quem me tocou?” Talvez para seus discípulos, a pergunta tenha soado como uma brincadeira. Ele só poderia estar brincando, levando em consideração a multidão que o rodeava. Mas desta vez Jesus estava falando sério. Ele havia se permitido tocar. Um Deus da pureza não se deixa tocar. Jesus, ao contrário, segura nas mãos da sogra de Pedro que estava com febre,

estende a mão ao leproso, toca nos olhos do cego e deixa-se tocar. Jesus se faz impuro. É a ação de Deus passando pela corporeidade e a sexualidade. E aqui enveredamos por algo que para muitos ainda é um tabu. Precisamos nos libertar de muitos preconceitos. A sensualidade de Jesus é evocada o tempo todo. Não poderia ser diferente pois o ser humano, o mundo, para a tradição semita, diz respeito ao corpo todo. É o rigorismo da sua antropologia. Vale a pena reler o texto de Marcos 9,42-49.

Se a Bíblia está cheia de rituais de cura, imaginemos como isso se dá na vida das pessoas. A tradição pentecostal sabe testemunhar muito bem este aspecto. Certamente devemos ouvi-la, já que ao longo do tempo a cura caracterizou muito o seu jeito de experimentar Deus. As religiões afro também são células vivas deste “jeito” de experimentar Deus. Há quem diga serem as Umbandas religiões tipicamente de curas. Elas estão, assim, cheias de ritos. Experimentemos ir a uma Tenda ou a um Centro de Umbanda. Lá estão muitas pessoas desenganadas pela medicina, com tantas queixas, pedidos mas também recebendo orientações, conselhos, atenção, palavras animadoras saídas da boca dos Caboclos, Pretos-Velhos, Pretas-Velhas, Exus, Mestres e tantas outras divindades que “baixam” a fim de comunicar algo, trazendo vida e esperança. No recinto sagrado onde as entidades “ficam em terra”, toques, abraços, troca de presentes, curas através das mãos, dos “passes” de um Deus sensual.

Nos terreiros de Candomblé, Deus também se faz corpo. A sua corporeidade pode ser sentida e percebida de diversas maneiras. Por meio da comida, da dança, do abraço e das inúmeras formas de solidariedade. A cura marca também a vida dos terreiros. Aqui os ritos são muitos e variados. A cura pode ser alcançada através das diversas oferendas realizadas ou mesmo no barracão, local onde acontecem as festas públicas, na qual os Orixás dançam com seus filhos no seu dia, paramentados com suas vestes litúrgicas, seus instrumentos símbolos, ou ainda com sua comida preferida e até mesmo com o elemento natural que os representa (água, terra, fogo).

É comum assistirmos em muitas destas cerimônias as pessoas colocando as mãos na roupa dos Orixás. Eles também se deixam tocar. Presenciei uma vez muito emocionado uma festa de Yansã, (Orixá dos ventos e das tempestades, uma das três esposas de Xangô, Orixá da justiça), no terreiro de um amigo muito querido, o pai Francisco de Oxum, onde este Orixá passava as mãos no suor de seu rosto e dava presentes às pessoas. Não podemos deixar de mencionar uma das grandes festas, realizada durante o ano litúrgico dos terreiros, a festa do “médico dos pobres”, Obaluayê ou Omulu, o grande médico da tradição dos Orixás. Os Orixás estão sempre curando. Deus está sempre presente através do suor que escorre do rosto de seus filhos, da dança, do abraço, do axé, do sopro.

Experimentemos ouvir esta mesma experiência de um rezador, de uma rezadeira, ou de um raizeiro. Eles são mestres da cura. Não tomemos esta imagem de forma pejorativa, mas procuremos descobrir por trás dela um grande valor. Eles certamente nos contarão muitas coisas, nos falarão de muitas folhas e símbolos: copos de água, velas, cruzes, Bíblia, livro de orações, novenas, pedras. Ou simplesmente não nos falarão nada, pois aqui também é muito importante se guardar segredo. Nós também temos os nossos segredos. Os símbolos e os rituais de curas estão em toda a parte. O que é, senão um ritual, o gesto de todos os dias ao acordarmos tirar um

versículo da “caixinha de promessas” a fim de que aquelas palavras iluminem o nosso dia?

Por meio da cura se recriam os laços e se estabelecem relações. A cura é vista como gratuidade. O curador é tido como instrumento de Deus. Por isso não se cobra. Afinal, não é Deus quem cura? O curador é ainda uma pessoa discreta e de muita oração. Ele conhece quase todas e “há orações para tudo”. Afinal, “para Deus nada é impossível”.

Falamos que há muitas portas de entrada, tentamos caminhar por uma delas e já percebemos a complexidade que temos pela frente. Precisamos insistir na urgência de se revirar a palavra de Deus, a fim de buscarmos o que ainda não foi dito, ou os ditos que não passaram pelos moldes dos cânones. Assim sendo, mais que trabalharmos com “ajeitamentos” de palavras, ou buscar semelhanças por meio de aproximações que não nos levarão muito longe, a não ser onde já conhecemos, a leitura da Bíblia na perspectiva do povo negro é algo bastante desafiador e certamente não deixará de suscitar conflitos. Certamente será um novo conflito, não semelhante ao primeiro. Não podemos seguir a linha dos “donos da verdade”. Podemos sim, denunciá-los, mostrando que há muitas verdades, caminhos, experiências de Deus que ficaram fora do Antigo e do Novo Testamentos como nomearam a Sagrada Escritura. O sagrado vai muito além das escrituras. Ele se mostra muito mais naquilo que foi negado e excluído.

A reflexão da Bíblia na perspectiva do povo negro é, de fato, “um prato cheio” de questões a serem discutidas e questionadas. Estamos apenas começando. Talvez seja preciso muitos biblistas abrirem os dicionários de folclore ou dar mais atenção ao que antes se considerava como “crendice popular”, superstição, a fim de mexer em antigos baús de onde se pensava que nada mais poderia sair. Nesta nova leitura, é preciso que as culturas sejam um dos referenciais para a compreensão da palavra de Deus. Afinal, Ele se faz “palavra” nelas também. Cada cultura deve ser valorizada e respeitada juntamente com outras expressões de fé. Exigimos isso como chave hermenêutica para a interpretação da Bíblia. Cada palavra falada, cantada, deve ser valorizada como boa notícia e anúncio do reino, que persiste na memória de homens e mulheres que ao longo de gerações lutam em defesa da “palavra”.

Vilson Caetano de Sousa Júnior cursou Teologia na Faculdade Nossa Senhora da Assunção (FAI) e Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), onde faz mestrado em Ciências Sociais. É do Axé Ilê Obá e membro do Grupo Atabaque.

Endereço: Rua Vale das Flores, 32 Cidade d’Abril 2ª gleba
05185-400 São Paulo SP

Povo negro e Bíblia: caminhos de aproximação

Heitor Frisotti

11

O texto *Povo negro e Bíblia: retomada histórica*, apresentado no seminário “Bíblia e culturas afro-americanas”¹, usava algumas imagens para mostrar como o encontro entre o povo negro e a Bíblia aconteceu dentro de uma certa ambivalência. Isso porque a Bíblia foi e ainda é uma ferida na carne (por ter sido usada para justificar a dominação, a escravidão e o racismo), mas também por ser um “prato cheio”, já que os pobres dela se apropriam e essa fonte alimenta a caminhada junto a outras fontes de fé.

Nesse texto, queremos dar um passo a mais, motivados também pela exposição de Sílvia Regina que, no mesmo Seminário, falava em sapatos velhos que fazem calos nos pés e atrapalham o caminhar, e da necessidade de uma outra maneira de se aproximar, fazer perguntas e ler a Bíblia.²

O que vem a seguir é resultado de vários encontros, reflexões, grupos, conversas, momentos de oração e celebrações, vivências afetivas e espirituais, de muitas amigas e amigos negros com os quais compartilhamos sonhos e tristezas, maneiras de amar (e de ser ferido). Mesmo assim, creio ser ousadia falar sobre isso e trazê-lo aqui. Vamos considerar como material bruto a peneirar, curtir, polir, modelar e transformar. O encaminhamento é por conta de todos.

O QUER DIZER INTERPRETAR A BÍBLIA COMO NEGRO?

Em primeiro lugar, significa interpretar do lugar onde o negro se encontra hoje. Trata-se de um lugar social, cultural e de fé. Uma leitura negra da Bíblia está principalmente preocupada em dar uma resposta às situações conflitantes que hoje marcam a vida da grande maioria da população negra.

Isso obriga, naturalmente, a uma mudança de lugar, a um tomar partido, a sair da própria casa para encontrar-se na casa dos outros. É uma verdadeira conversão para um outro olhar. Muito mais para brancos que para negros, para homens que para mulheres, para sacerdotes, religiosos(as) e pastores(as) que para leigos, para remediados que para pobres, para os que participam de algum modo do poder, que para os despossuídos. Mas é tarefa que não exclui ninguém, porque na situação de dominação em que vivemos um negro deve continuamente tornar-se negro, uma mulher tornar-se mulher, um pobre optar pelos pobres, e um branco... tornar-se

1. O seminário foi organizado pelo Programa de Formação do CEBI (Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos) e o grupo Atabaque, e realizou-se em São Paulo de 03-07/09/93. O texto foi encaminhado para publicação no número 19 da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA).

2. Sílvia Regina de LIMA SILVA, *Há sapatos velhos que fazem calos nos pés*. Ensaio de leitura da Bíblia a partir da realidade afro-latino-americana e caribenha. Multicopiado, agosto 1993.

gente (o que só é possível na medida em que deixa o poder e identifica-se com estes últimos). Vamos tentar descrever esses lugares que nos esperam.

O LUGAR DA DOR: A ÓTICA DE QUEM SOFRE PELO RACISMO

Não saberia caracterizar com uma palavra melhor do que a dor a situação que reúne todo o tipo de humilhação sofrida pelo povo negro: econômica, política, afetiva, psicológica e racial.

▪ A humilhação pela *discriminação racial* (dimensão econômica do racismo) que se manifesta principalmente no mundo do acesso ao trabalho. O racismo tem sua base econômica própria: um negro pobre é preterido ao branco pobre quando, em igualdade de condições, procura trabalho ou deve ser promovido, e é o principal alvo dos salários mais baixos, da repressão às reivindicações sindicais e das demissões. A mulher negra sofre essa discriminação bem mais que o homem negro ou a mulher não negra.

À discriminação econômica, que favorece a manutenção na situação de pobreza, somam-se outras de natureza social: acesso aos lugares reservados aos brancos, opção de moradia, acesso a melhores estudos, opção de uma relação afetiva duradoura, cargos de poder, até mesmo na religião.

▪ A humilhação pelo *preconceito racial* (dimensão ideológica do racismo) ou pela violência à identidade pessoal. Construiu-se no Brasil, como adaptação do racismo científico de origem européia, a ideologia e a política do branqueamento.

Ideologicamente, o branqueamento é a associação do negro a tudo o que é ruim e feio e, por outro lado, a associação do branco a tudo o que é bom e bonito. Assim o cabelo da(o) negra(o) é ruim, a cor da pele é uma sina, a beleza (segundo o padrão branco) é impossível para o homem e a mulher negra. Mas a caracterização é também moral: o negro é suspeito, o branco é confiável; o negro suja, o erro do branco é coisa normal; a religião do negro é inferior ou demoníaca, a do branco é superior e divina.

Politicamente, o branqueamento caracterizou-se por uma legislação favorável à imigração de europeus, à oferta de condições econômicas, de educação e de trabalho melhores para os europeus e seus descendentes e, ao mesmo tempo, por uma ausência de atenções para com a população negra. Em 1911, o diretor do Museu Nacional, João Batista de Lacerda, que representava o Brasil no 1º Congresso Universal de Raças, em Londres, apresentava a política brasileira afirmando que *já que se viram filhos de mestiços apresentarem, na terceira geração, todos os caracteres físicos da raça branca, (...) é lógico esperar que no curso de mais um século, os mestiços tenham desaparecido do Brasil; isso iria coincidir com a extinção paralela da raça negra em nosso meio pois, desde a Abolição, os negros tinham ficado expostos a toda espécie de agentes de destruição e sem recursos suficientes para se manter.*³

Variação ideológica do branqueamento foi a ideologia da mestiçagem ou miscigenação, que promoveu a imagem do mestiço ou mulata, associada à descrição do país como uma verdadeira democracia racial e de relações cordiais entre as raças.

3. Thomas SKIDMORE, *Preto no branco*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p.81-83 (grifos meus).

Segundo esse modo de pensar, o mestiço reuniria o melhor do branco e do negro (e do índio), e é favorecido na ascensão social, sendo o mais apto para viver no Brasil. Num país em que as raças são diluídas e há uma notável variação de cores, num país que prestigia o mestiço, este não poderá ser *o cúmplice do negro contra o branco*, afirmava o sociólogo Gilberto Freyre⁴, esperando aliviar assim as tensões sócio-raciais.

Na realidade, o mestiço vive uma crise de identidade, pois não é nem um, nem outro: não é mais negro, não chega a ser branco, não sabe que sangue de índio possui. É um ser sem identificação de origem e, por isso, sem história, pois dificilmente pode identificar-se com um dos grupos étnicos que fizeram esse país. Pode identificar-se com alguns personagens históricos, mas raramente com alguma comunidade: vive solitário.

Na sociedade, é a elite dominante branca que determina quando ele é parecido com o branco — e tem livre acesso — e quando é parecido com o negro — e é discriminado. Assim, a mesma pessoa, é branca na Bahia e negra no Rio Grande do Sul, é branca demais para trabalhar na limpeza das ruas e é negra demais para ser um gerente de banco. Quem decide sobre sua “boa aparência” (uma forma sutil para discriminar, pois uma mulher ou homem negro nunca terão “boa aparência”, mesmo que sejam mais bonitos que muitos homens e mulheres brancas) é o branco patrão.

O resultado desse processo de branqueamento consiste na negação da identidade negra e numa ideologia introjetada difícil de erradicar: as crianças negras acham que nasceram na família errada ou com a pele errada; os adolescentes e a juventude negra se acham mais feios e não gostam do seu corpo; os trabalhadores não têm como competir com aqueles que nasceram para vencer. Nos livros das escolas e nos meios de comunicação o passado do negro é para esconder ou, quando lembrado, para mostrar que era escravo; a família do negro não existe; o trabalho do negro é o pior; o futuro do negro é o crime ou a pobreza; a mulher negra fica na cozinha e a mulata esbanja sensualidade: contudo, será desejada mas nunca amada.

• A humilhação, comum a muitos pobres, pela *situação de opressão e exclusão*, que acaba se tornando uma verdadeira segregação ou *apartheid* social (dimensão sócio-política): mesmo que não existam leis a respeito, é fácil identificar a casa e o bairro do negro, seu supermercado, sua praia, seu carro.

Não é só isso, pois a exclusão atinge os direitos humanos, sociais e civis. A polícia e os tribunais tratam de maneira diferente brancos, mestiços e negros, mulheres brancas e mulheres negras, crianças brancas e crianças negras. O mundo da política reserva lugares diferentes aos brancos e aos negros. E, apesar de estar se organizando continuamente em associações de moradores, clubes, times de futebol, blocos de carnaval, comunidades e terreiros, o negro é considerado a-social e sem direitos.

Tudo isso é vivido por cada pessoa negra com profunda dor, que vem de longe, que atinge irmãos e pessoas conhecidas, que parecem aguardar na próxima esquina. E mostra um mundo diferente daquele que é propagado na sociedade ou ensinado nas escolas, mas é o mundo real para quem sofre com toda a sua dramaticidade.

Quem domina, quem se reserva o exercício do poder, tem outra imagem: um

4. Gilberto FREYRE, *Sobrados e Mucambos*, volume II, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1936, p.650.

salário baixo que faz a família de um trabalhador passar fome é uma necessidade da produção ou da estabilização da economia; um negro que reivindica direitos iguais ou específicos promove o racismo ou não tem paciência histórica; uma mulher se prostitui porque gosta; uma criança na rua é sempre *um menor* que não quer trabalhar (infrator) ou é um coitadinho que precisa da assistência dos brancos (carente); um policial que mata um negro correndo preserva a segurança da sociedade; as violências do poder na história e a omissão das igrejas foram devidas à ‘consciência possível’ daquele tempo que impedia enxergar melhor. É a visão de quem fere. Outros se desculparam dizendo que foi sem querer, que não têm culpa. Mas a ferida existe, quer a facada tenha sido voluntária ou não.

A dor torna-se, então, um dos princípios hermenêuticos fundamentais a ponto de podermos afirmar que “quem não sofre, não entende”. A dor vivida é o primeiro passo para entender as práticas e as falas que legitimam o poder e a violência e as necessidades e sonhos de quem está jogado no chão (veja Lucas 10,25-37). Não há outra maneira de se aproximar da verdade numa sociedade marcada por conflitos.

Pilatos estava impossibilitado de saber qual era a verdade sobre Jesus e o povo, pois encarnava e defendia a dominação e o poder institucionalizados (João 18,38). Moisés estava impossibilitado de conhecer o Deus da vida enquanto residia no palácio do faraó. Teve que sair do saber dominante e encontrar-se no deserto, desamparado do poder, da religião e da cultura oficial do Egito, para que uma sarça ardendo pudesse revelar-lhe a dor e a força de Deus (Êxodo 3). Jesus teve que se encontrar diante do sofrimento de uma mulher siro-fenícia (Marcos 7,24-30), vítima de maldição, excluída da bênção de Deus por ser estrangeira, ‘idólatra’ e mulher, para poder anunciar a *boa nova* de um Deus que se aproxima dos últimos e discriminados superando barreiras.

A identificação com os excluídos da sociedade é tal que Jesus acaba assumindo em sua carne a condição de maldito ao morrer na cruz e fora da cidade santa (Gálatas 3,13). É a nova verdade, a dos ‘vencidos’, que enfrenta a do poder constituído; é o novo caminho, o da solidariedade, que contrasta com as práticas de exclusão, próprias de quem detém o poder; é a oferta da vida diante dos poderes da morte. O que faz dessa opção *o caminho, a verdade e a vida* para todos (João 14,6).

Acredito que compartilhar a dor dos últimos e excluídos é o caminho para se aproximar da verdade que se faz justiça. Encerrada nesta dor está não-só a melhor radiografia da sociedade mas também a possibilidade de encontrar outra resposta às questões colocadas pelas ciências: Como entender a alteridade, compartilhar de outra cultura e perceber a revelação presente em outra religião?

O LUGAR DO SER NEGRO OU UM LUGAR DA IDENTIDADE — COMUNHÃO

Identidade negra não é só o que o branco diz e reserva para o povo negro em nossa sociedade. O negro se reconhece como tal também a partir de outras relações, vivências, realidades, e não só pelo racismo que o atinge e por imagens que a elite branca projeta sobre sua vida.

Muitas destas relações e vivências estão na família: nas pessoas amadas, que muitas vezes vão além das fronteiras de sangue ou de parentesco; na organização do tempo e dos serviços; na maneira de celebrar e fazer festa; no modo de socorrer

quem precisa de ajuda ou de cuidar de um doente; nas referências plurais de auto-idade; na maneira de preparar, distribuir e consumir a comida; no contar, cantar e dançar as histórias; nas pessoas lembradas que já se foram; na solidariedade e também no modo de organizar o lazer, de receber e fazer carinhos, de pentear o cabelo, de afagar ou ninar e, naturalmente, na maneira de rezar e falar de Deus.

Nos terreiros, famílias amplas ao redor de um parentesco espiritual, descobriram que identidade é um processo, mais do que algo que se tem. Ela se constitui ao longo do tempo como um caminho de identificação em que, ao sangue e à raça, acrescentam-se outros elementos que fazem das pessoas comunhão.

Identidade então, se (re)constitui a partir das *relações de família* — repetimos, não restritas à linhagem de sangue, mas amplas, ao redor de quem acolheu, de quem ensinou, de quem curou, de quem amou, de quem castigou ou ajudou. É saber correr no tempo para reconhecer-se na *vivência dos antepassados*, os mortos que souberam fazer de sua vida uma contínua doação, um ensinamento a recolher e praticar, uma memória que vive nos filhos. É também constituída pelo *sonho em comum* para se manter vivo, recuperar forças e ânimo, lutar para defender os irmãos e transformar as vitórias em direitos reconhecidos e comunidades organizadas.⁵

Resumindo, identidade se faz respondendo às perguntas: De onde eu venho? Com quem estou? Para onde vou? Nas comunidades religiosas de candomblé, a resposta a essas questões consiste no respeito e cultivo pelos antepassados e ancestrais, dos quais vem a tradição e a vocação (são eles que estão na origem da família-comunidade e dos serviços para preservá-la e fazê-la crescer e afirmar); no respeito e cultivo da comunidade, feita de tudo o que vive e existe: não só pessoas, mas também animais, plantas e toda a natureza, pois todo ser fala de Deus, nos ensina coisas da vida, é para a comunidade e, por isso, tem que ser preservado, alimentado e promovido; no respeito e cultivo também pelos filhos e toda pessoa que chega à porta de casa: são o futuro a zelar e trazem vida (conflitos, problemas e dores mas também alegrias, esperanças, ajuda, riquezas espirituais e materiais). Tudo isso, a memória, a comunhão, o viver bem, são *Axé*, força viva de Deus.

Identidade é identificação e por isso é luta. Dito assim esquematicamente, pode parecer pouco lógico, mas ao pensar que identificação é criar laços de solidariedade e afetos, é comunhão de interesses e sonhos, é fazer uma só carne com as pessoas amadas, entende-se melhor porque é luta; pois, se luta para defender quem se ama e o que ama, muito mais do que uma idéia ou uma motivação moral.

Por isso, a dimensão afetiva ergue-se também como possibilidade hermenêutica: ela supera barreiras e permite entender a dor e os sonhos dos outros. Estamos lembrando neste momento algumas realidades que poderemos considerar símbolos do que afirmamos: *as madres de la Plaza de Mayo* argentinas que desafiaram a

5. Na África é comum falar nessa comunhão ampla com todos os seres vivos: comunhão vertical com os antepassados, e horizontal com a família, as pessoas em geral e a natureza. Confira Vincent MULAGO, *Elementes fondamentaux de la religion africaine*. In: CERA, *Religions africaines et christianisme. Colloque International de Kinshasa, 9-14 janvier 1978, Kinshasa/Limete (Zaire), 1979*, p.43-63; em português: Gabriel Molehe SETILOANE, *Teologia africana. Uma introdução*. São Bernardo do Campo, EDITEO, 1992, p.23-26; André LUKAMBA, *Nova etapa missionária em África. Redescobrir para repropor*. São Paulo, Loyola, 1992, p.45-47. Veja também: Franziska C. REHBEIN, *Candomblé e salvação. A salvação na religião nagô à luz da teologia cristã*. São Paulo, Loyola, 1985, p.40-53.

ditadura, à procura de uma resposta sobre seus filhos desaparecidos e vítimas de militares.⁶ Em 1992, ainda desafiavam o poder democrático, opondo-se a receber uma indenização para os ex-presos políticos no período entre 1972-1983, pois a única compensação que queriam era a punição dos responsáveis pelos crimes.⁷

Como elas, as viúvas dos mártires da terra no Maranhão, e em todo o Brasil, exigem justiça. Vinte e cinco delas, vestidas de luto e tendo na cabeça tiras de panos com os nomes dos maridos mortos, fizeram disso motivo para desafiar as autoridades e pedir justiça também a João Paulo II, durante sua visita ao Brasil em 1991.⁸ “A gente não pode enterrar marido e filho e se enterrar também”, declarou naquele dia Maria das Graças Machado, uma das líderes do movimento; a ela fez eco Terezinha Rodríguez: “O que pedimos é justiça.. Queremos que acabe a impunidade dos assassinos, executores e mandantes, a maioria dos quais é bem conhecida.”⁹

Seu grito de dor incomoda, assim como incomodam as mães de Acari, na Baixada Fluminense, que lutam contra os esquadrões da morte, que matam suas crianças, e chegam a se tornar vítimas, como seus filhos e filhas, dos mesmos assassinos. É o caso de Edméia da Silva e Sheila Conceição, assassinadas em 15 de janeiro de 1993, após denunciar que policiais eram responsáveis pelo desaparecimento das crianças. “Eu não aceito que digam que não tem solução — dizia Edméia. Vou continuar cobrando, nem que eu saia daqui agora e eles me matem ali.”

Para muitos, e para a sociedade, estes filhos e esposos estão mortos e não há nada a fazer: são lutas inúteis. Para estas mulheres, a dor ainda está no ventre e só acabará quando esta sociedade mudar e trilhar caminhos de justiça, para evitar que outros morram. Elas estão com a verdade e o saber que liberta.¹⁰

FINALMENTE, O LUGAR DA FÉ DO POVO NEGRO, FÉ PLURAL E PRÓPRIA, DIFERENTE E FORTE

O terceiro lugar é a fé, entendida como fé de comunidades e fé na história. É preciso voltar ecumenicamente para essa fonte de vida: olhar para comunidades de fé — familiares, católicas ou protestantes, populares e devocionais, ao redor de pessoas carismáticas ou organizadas em irmandades, de terreiros e aldeias, de CEBs ou grupos — que possam nos lembrar o que é viver a fé em comunhão e não sozinhos, como Deus marca sua presença na comunidade e como esta presença é celebrada

6. Confira “Mãe de desaparecidos”. In: *Sem Fronteiras*, número 185, 1990, p.25-26.

7. Confira “Indenização para ex-presos políticos”. In: *Sem Fronteiras*, número 203, 1992, p.31. Após a ditadura, os familiares dos desaparecidos continuavam registrando seus filhos no censo argentino. “Mesmo que não estejam conosco, nunca os consideraremos mortos. Por isso os registramos como pertencentes às nossas famílias” declarou Hebe de Bonafini, presidente das Mães da Praça de Maio (“Continuam vivos”. In: *Sem Fronteiras*, número 196, 1992, p.35). Confira Também Mary E. HUNT, “Mortos mas ainda desaparecidos. As mães da praça de Maio transformam a Argentina”. In: *Concilium*, número 247, 1993/3, p.96-105.

8. Confira Tarcísio PRAND, Viúvas vão à luta. In: *Sem Fronteiras*, número 197, 1992, p.14. Na ocasião, declararam à imprensa também sua decepção por “ver as onças perto do papa e nós longe — segundo denunciou Ardenora Mendes da Silva-. Lá estava o chefe de União Democrática Ruralista (UDR) de Bacabal e outros companheiros... E nós, tocadas para longe pela segurança...”

9. In: *Sem Fronteiras*, número 197, 1992, p.13.

10. Kátia MEDEIROS e Elza Maria GHELLER, *As mães de Acari*. Datilografado distribuído pelo “Projeto Sofia: Mulher, Teologia e Cidadania” do Instituto de Estudos da Religião (ISER), Rio de Janeiro, 1993, p.5.

de modos diferentes, mas que sempre é alimento para viver melhor, agradecendo e pedindo força, se protegendo e sendo jogados para fazer coisas novas.

Não só hoje, mas no tempo também. Cada uma dessas comunidades tem sua história de fé, sabe narrar e celebrar como Deus se manifestou na sua história e na história dos homens. Têm suas ‘pedras’ assentadas (usando a imagem bíblica de Josué 24,26-28) para lembrar como Deus interveio, como foi saudado e celebrado, como os lugares por onde passamos se tornaram santos e dignos de respeito. Sobretudo, como as pessoas se tornaram dignas de respeito, porque são amadas e salvas por Deus. Nossos pais, irmãos e irmãs nos lembram disso, nossas humilhações e sonhos nos fazem desejar isso para nós e para muitas e muitos.

É uma *história de salvação brasileira*, que tem que ser resgatada porque foi e continua sendo palavra de Deus. Por ela, chegamos também à história dos outros, à história de Jesus e nos reconhecemos nelas como num espelho. É por isso que falamos, talvez escandalizando alguns, que a Bíblia é a terceira palavra de Deus: ela vem após a primeira palavra, que é a presença de Deus em nossa vida, e a segunda palavra que é a presença de Deus em nossa comunidade de fé e na história dessa comunidade. Sob pena de, em lugar de ser espelho, a Bíblia tornar-se cenário artificial: ao sair do teatro, o mundo é outro e esta palavra é vazia, quando não violenta.

Convidamos, pois, a mudar de lugar e a tomar partido. É o caminho da solidariedade, condição necessária de leitura, interpretação e transformação da Bíblia (e da vida de todos nós). Solidariedade que se apóia na partilha da dor, da identidade e dos caminhos, da fé. Pois solidariedade não é sinônimo de compromisso em algumas lutas ou em alguns momentos, mas de vivência de comunhão. Solidariedade é o caminhar juntos, carregando o peso dos outros, compartilhando das dores e também das festas, da visão do mundo, inclusive da leitura de fé de outra comunidade de fé. Quem a vive, não idealiza o outro, mas carrega também seus limites, compreende seu pecado, pois a queda do outro é vivida como a própria queda.

Solidariedade não é, então, uma atitude guerreiro-intervencionista, mas uma comunhão na afetividade na dor, para sempre. É como gravidez: é carregar e ser carregado. Neste sentido, é também alimentar-se juntos, um(a) dando sua carne e seu sangue como alimento para o outro. Não foi por acaso que o Senhor falou em “comer da sua carne e beber do seu sangue” (João 6,35-58). Por isso, é comunhão de destino que sabe respeitar as identidades distintas. Assim como “quem ama nasceu de Deus” (1 João 4,7), só quem ama os mais pobres de um povo pode nascer de novo com eles, conhecê-los de dentro e entender a alteridade dos grupos oprimidos — em sua etnia, raça, sexo e religião — como manifestação de Deus.

É fundamental, pois, viver em comunidade esta ‘solidariedade étnica’ junto aos oprimidos e aos últimos da sociedade para fazer uma leitura étnico-racial da Bíblia: trata-se de “estar solidário com essas etnias na busca da sua identidade. (...) É sentir como experimentam Deus na sua condição de marginalizados e como, por meio dos seus símbolos, cultos e manifestações religiosas, denunciam as injustiças e opressões existentes e anunciam a justiça de Deus.”¹¹

11. Maria C. FREITAS, “Profetismo na Nova Evangelização”. In: *Dimensão profética da vida religiosa na nova evangelização*. Rio de Janeiro, CRB, 1990, p.64-65.

ALGUMAS CONSEQÜÊNCIAS

Se a dor, a identidade e a história de fé do povo negro se tornam os lugares privilegiados a partir dos quais olhar, nos quais mergulhar, onde se alimentar e de onde lutar, eles são também critérios que determinam algumas opções na hora de se encontrar com a Bíblia. Isto é, acabam nos obrigando a repensar algumas questões de fundo.

O QUE TRABALHAR?

18

Antes de privilegiar alguns temas, há que se desmascarar leituras dominantes e racistas na América Latina, isto é, uma maneira de ler pela qual — até sem perceber — acabamos recriando leituras que legitimam posições etnocêntricas (uma norma que se impõe a todos e que caracteriza como inferior/pior/pecador quem não a aceita, violentas (que justificam a manutenção das discriminações e da exclusão), divinizadas (ao afirmar que Deus está conosco e não com os outros), machistas (não só androcêntricas, mas também legitimadoras da submissão da mulher) e ‘acadêmicas’ (ligadas à racionalidade das explicações ou a métodos que excluem os que não podem estudar). Isso para não fazer o jogo dos novos senhores, feitores, juízes, poderosos e doutores, e não nos tornarmos como eles na hora de afirmar nossas verdades. E para contextualizar melhor o que afirmamos, um passo indispensável seria lembrar como esses textos foram interpretados e anunciados em nossa história: são palavras que resistem à mudança de significado e, antes de qualquer outro sentido, impõem as falas antigas...

Infelizmente, é mais fácil do que se pensa, pois o racismo vitima e cega a todos, uns pela dor da discriminação, outros pelo exercício do poder. Acontece de maneira implícita, na seleção de alguns temas, ou de modo subliminar ao não saber como trabalhar alguns textos. Cito um exemplo. Um amigo me dizia, tempos atrás, que achava muito violenta (e irrecuperável) a afirmação do Gênesis de que ao homem foi dado dominar a terra e que isso provocou toda a destruição da natureza e a legitimação do poder. Mas, conversando um pouco mais, e mudando de lugar, nos perguntamos: “O que quer dizer dominar a natureza num terreiro ou escolher o nome numa família?” A resposta foi iluminadora, pois nos levava a refletir que dominar algo é, antes de tudo, conhecer e preservar: descobrir como a vida de uma planta (e seu sacrifício ao cortarmos as suas folhas para um chá) nos dá vida e como nossos cuidados — ao conhecer seus tempos, fragilidades e necessidades — lhe oferecem também vida, proteção e fecundidade. Da mesma maneira, dominar ou dar o nome, implica em direitos e responsabilidades. Quem dá o nome a uma criança marca a família de referência e sua autoridade, mas também assume o dever de cuidar dessa criança, fazê-la crescer, transmitir ensinamentos, respeitar suas opções. Bem diferente da leitura que liga poder, dominar e nomear, ao branco ocidental.

É um exercício difícil que nem sempre dá bons resultados e pode cansar. Mas é necessário. Assim como é necessário denunciar a escolha de alguns temas como menos aptos para responder aos conflitos hoje vividos pela população negra. Por ocasião da Campanha da Fraternidade de 1988 sobre o negro, algumas pessoas trabalharam o tema da escravidão ou a presença do negro na Bíblia. Mas os problemas do negro hoje são a discriminação e identidade, não escravidão e ausência. Não

seria melhor trabalhar situações de discriminação, promovidas inclusive pelo povo de Israel (melhor, por sua elite), em nome do sangue, da pureza, da obediência à lei, da pertença à descendência de Israel, da fidelidade a uma tradição religiosa, da distinção entre filhos de Abraão, prosélitos e pagãos? São argumentos bem parecidos com aqueles usados hoje para discriminar os não-brancos ou afirmar a superioridade de uma raça, povo ou região geográfica do país.

Por que insistir em temas que dificultam o encontro e a compreensão da fé das comunidades afro-brasileiras como o da superação dos sacrifícios (ligados a um sacerdócio estruturado de maneira completamente diferente daquele dos terreiros), ou o da idolatria, desvinculada de uma séria reflexão sobre as forças divinizadas (os deuses) da morte e as forças que dão vida? Às vezes é só uma questão de linguagem, nem tanto de temas escolhidos. É verdade também que muitos estão percorrendo outros caminhos, contudo, a tentação de ficar numa leitura mais cômoda, a do nosso lugar, atinge a todos e sobre isso, há que cuidar-se.

Por isso, a referência à história das comunidades (de fé) negras ou ao contexto histórico na Bíblia é fundamental para se prevenir e avaliar quando as afirmações generalizadas acabam atingindo, mais uma vez, o povo negro e suas tradições de fé, porque são pronunciadas a partir de outro lugar. De certo modo, trata-se de fazer da história e da vida das comunidades negras uma chave para a releitura da história dos humilhados de Israel, mais do que olhar para a história de Israel como modelo ou chave para a história do povo negro no Brasil e nas Américas.

Nesse sentido, é possível escolher temas mais próximos à história e aos conflitos vividos pelo povo negro hoje, mas também próximos à sua cultura e fé: leituras que evidenciam a relação com a natureza, os antepassados, a superação da discriminação, o alimentar-se, a família, o corpo e a dança, o poder partilhado, a força da mulher, o respeito pelos anciãos ou por diferentes manifestações de fé. Inclusive, é possível uma leitura menos racional e mais simbólica a partir dos elementos da natureza como água, fogo, terra, ar, plantas, ou culturais como comida, festa, maneiras de contar a história, rituais, gestos e outras características da tradição oral e comunitária.

QUAL SERIA UM MÉTODO DE LEITURA A PARTIR DO NEGRO?

Não tenho a presunção de apontar a metodologia para uma leitura negra da Bíblia. Assim como existem muitos caminhos de interpretação bíblica latino-americanos, acredito que existam muitos métodos de leitura negra da Bíblia, alguns mais populares, outros mais culturais, outros mais sócio-políticos. São diversos métodos também por causa da diversidade na leitura e interpretação bíblica nas nossas igrejas: haverá leituras carismáticas, fundamentalistas, libertadoras, etc. Desejo trazer aqui alguns itens que na caminhada de vários(as) agentes de pastoral negros(as), entre as comunidades cristãs e pobres do Brasil, se mostraram necessários. Podem e devem ser discutidos.

A leitura negra se mostra como:

- Uma leitura comunitária. Se a experiência fundamental de resgate da identidade negra é a família ampla, a comunidade organizada, então o melhor caminho é o de uma leitura e de uma produção feitas em comum. A prática ocidental privilegia o

texto escrito e produzido individualmente. Acredito que uma leitura negra possa oferecer produções comunitárias (mais do que coletivas) nas quais a experiência do grupo tenha mais peso que o teólogo que assina o artigo, onde o destaque vai mais para a comunidade que para uma pessoa, e também produções mais típicas da tradição oral: contos, cantos, danças, histórias simbólicas, poesias, dramatizações, celebrações, etc. Até na hora de ler ou proclamar trechos bíblicos poder-se-ia destacar mais um texto narrado, dramatizado ou cantado, que um texto escrito e lido.¹²

- Uma leitura feita a partir da própria história. Na medida em que se relê e se resgata a própria história (história de dor e solidariedade, de presença e revelação de Deus), torna-se possível a abertura a outras histórias que aos poucos se tornam também próprias. Conhecer a história das pessoas e de uma comunidade é o melhor passo para entender o que eles celebram e o que está por trás do que está sendo anunciado ou vivido. É uma experiência que muitos de nós têm feito nas comunidades cristãs e também no encontro com comunidades-terreiro. Desse modo, conhecer também as histórias contadas na Bíblia abre a possibilidade de que se elas se tornem próprias, mesmo que sejam diferentes ou pertencentes a um povo que celebrava Deus de outras maneiras.

- Uma leitura feita com outro olhar e a partir das próprias raízes culturais, comunitárias e de fé. É nesse momento que se percebe que, mais do que temas, é outra maneira de se aproximar, de ler, de perguntar, de viver, de se relacionar com a fé das comunidades bíblicas. A leitura negra não pode evitar a referência contínua à palavra dos antepassados, revivida como comunhão no tempo e vocação; à tradição oral como momento de memória e de educação comunitária e simbólica; ao resgate da relação com a natureza, manifestação de Deus que vive, que cria continuamente e tem poder de vida e morte; à mãe que mantém a identidade e a diferença da vida no ventre, que se torna alimento, ou à vida que nasce do ventre, que passa pela dor, que precisa de cuidados; à partilha dos dons e oferendas, à vida que se troca, ao alimentar-se uns aos outros, ao sacrifício como doação; e também à festa que celebra a vida reafirmada no meio de tanta dor, o canto e a dança que acompanham o nascimento e morte, paz e guerra, seca e abundância, doença e cura, amor e solidão.

O teólogo anglicano John Mbiti, do Quênia, tem afirmado, entre outros teólogos e biblistas africanos, que na África a Bíblia é um *livro vivido* pela comunidade e *vivo* através da comunidade e para a comunidade, cujo fundamento e objetivo é Deus: “A África vive na Bíblia e a Bíblia é viva na África.”¹³ Essa experiência é também a dos cristãos negros da Américas. Para sermos mais corretos, deveríamos dizer que o é já, mas ainda não. Estamos a caminho para que se torne sempre mais experiência de comunhão na dor, nos afetos, no tempo, com tudo o que vive, e

12. Além de ser experiência e constatação de muitas comunidades cristãs, essa é também uma das observações do teólogo queniano John MBITI: “Bíblia dever-se-ia conceder a liberdade de circular oralmente, assim como aconteceu nos estágios iniciais do seu desenvolvimento. A igreja deveria facilitar e aproveitar a tradição oral nessas maneiras; incentivando a leitura pública da Bíblia, insistindo mais em narrar os fatos bíblicos, facilitando a memorização de trechos e versículos, utilizando mais textos bíblicos e cânticos e hinos neles inspirados, dramatizando sagradas representações de inspiração bíblica e, naturalmente, aprofundando em nível científico a confrontação entre a tradição oral na Bíblia e a literatura oral africana.” (Confira *La Bibbia nella cultura africana*, p.47).

13. MBITI, John, *La Bibbia nella cultura africana*, p.60.

comunhão também de fé, para que a Bíblia deixe de ser palavra violenta para os outros e seja água viva para muitos e muitas.

Quero também trazer aqui algumas afirmações de Sílvia Regina, anotadas no Seminário de setembro de 1993, que acho iluminadoras a respeito do estou falando: “Quero ligar mulher, negritude, igreja e sociedade, e ler a Bíblia a partir de meus irmãos e minhas irmãs.” “Não se trata de trabalhar textos avulsos, mas de um jeito de ler toda a Bíblia: não podemos reduzir o negro a pedacinhos de Bíblia. Entrar na história do povo negro não é trabalhar um tema a mais: é aliança, um pacto, uma experiência religiosa.” “Quem é capaz de suar conosco quando celebramos, é capaz de se aproximar da experiência de Deus que fazemos; quem sofre conosco a dor da discriminação, é capaz de entender o nosso pranto e o nosso grito.” “Conhecer tem a ver com a intimidade, o que falta aos investigadores e leitores do livro. Conhecer é saber que não conhecemos, é saber estar diante do mistério, é silenciar.”

E também: “Algumas pessoas são chamadas a aprofundar-se no conhecimento: isso significa partilhar de tudo, da vida, do destino, das dores e risos do nosso povo; para muitos de nós, negros e negras, isso é voltar para casa, é readquirir a herança, é re-fazer-se, re-constituir-se: guardamos a saudade de uma experiência de Deus diferente.” “A vida do povo negro é terra santa... Há que se tirar as sandálias!” “Possivelmente, o grande mistério vivido pelo povo negro, o segredo da sua hermenêutica bíblica, foi ter descoberto que esta mesma Bíblia não é a palavra de Deus, mas *uma* palavra de Deus; este mesmo Deus nos dirigiu outra palavra, nos falou e nos fala por meio dos orixás, pela tradição de nossos antepassados;” “negar meus antepassados é trair-me; negar a Bíblia é trair-me: são minhas heranças.”¹⁴

HAVERÁ CHANCES PARA UMA LEITURA NEGRA DA BÍBLIA?

Não é uma pergunta retórica ou falsa. As condições de possibilidade de uma leitura negra libertadora, ecumênica e transformadora, residem não só na boa vontade dos cristãos e dos biblistas negros, assim como uma leitura feminista não depende só das mulheres. Assemelha-se ao que acontece em alguns casos com os sem-terra: a posse de um pedaço de terra nem sempre corresponde a uma mudança das relações ou à manutenção das solidariedades anteriores. Às vezes, quem lutou comunitariamente torna-se pequeno proprietário. Ou também, a vitória de um grupo não corresponde à reforma agrária.

Estamos querendo afirmar que, além do engajamento de todos (não só negros) para desmascarar leituras ideológicas e racistas, do esforço dos que se dedicam a uma leitura negra para mudar de lugar, de prática e abandonar seu poder (antes mesmo de mudar a maneira de ler a Bíblia), as condições de possibilidades dependem de uma mudança das práticas e da teologia das igrejas.

Uma leitura negra da Bíblia está vinculada também ao repensar nossos modelos de igreja e o que significa inculturação — não só nas liturgias, mas principalmente nas maneiras de se encontrar e ajudar, organizar-se, lembrar a própria história, expressar-se, decidir, relacionar-se com outras comunidades. Liga-se à maneira

14. Algumas destas frases estão no texto indicado anteriormente na nota 2; outras fazem parte de anotações na hora da exposição.

como consideramos teologicamente as outras religiões: isto exige repensar os limites de nosso ecumenismo, bem como o que significa Jesus Cristo é para todos, o único mediador, o senhor dos espíritos, o único salvador. Por último, relaciona-se também com a maneira como pensamos a sociedade: o mesmo modelo para todos ou reconhecedora das diferenças étnicas, culturais, religiosas, das diferentes formas de se organizar, de produzir, de se dizer brasileiro?

Enquanto nossas igrejas continuarem se declarando superiores e tiverem práticas excludentes, não haverá espaço suficiente para uma vivência cristã e uma leitura negra da Bíblia.

22

Heitor Frisotti, católico, é mestre em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (FAI), em São Paulo, onde apresentou a dissertação *As relações entre Igreja e Candomblé. Condições de possibilidade de uma prática ecumênica libertadora entre catolicismo e candomblé*. Membro do Grupo Atabaque, assessor das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e da APN (Agentes de Pastoral de Negros).

Endereço: Caixa Postal 2521
40022-970 Salvador BA

Terras de pretos, projetos de libertação

ELEMENTOS COMPARATIVOS DA MANIFESTAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA

Marcos Rodrigues da Silva

23

A comunicação e a interpretação dos textos bíblicos contaram sempre com a nossa dificuldade de vislumbrar as complexidades que os envolvem frente as questões de raça e racismo no contexto da literatura bíblica.

A interpretação conveniente sugere que o tipo racial dos hebreus (judeus) está longe de ser definido dentro de uma única fonte étnica. O mais provável é acreditar que ao invés de afirmar-se como um tronco único, cabe a certeza de serem a unificação de diversas raças, provenientes dos processos migratórios neste espaço territorial. A designação *semitas* poderia também ser uma forma providencial para esse reconhecimento étnico do povo hebreu. Todavia, esse termo foi cunhado no século 18 com o sentido de caracterizar um grupo lingüístico, que forma o universo dos povos hebreu, acádico, árabe e etíope.

A história da comunidade cafuzada do Alto Rio Laeisz, em Santa Catarina, deseja ser um sinal deste processo de miscigenação que, na história bíblica, perpassa o povo hebreu. Este processo também acontece com a população afro-americana por todos os territórios da América Latina.

Por que cafuzado? Trata-se da iniciativa de aplicar uma categoria de reconhecimento étnico-antropológico a um grupo social que não estava dentro dos padrões formalizados pelas chamadas “culturas hegemônicas”. Ser um cafuzado é ter sobre suas “feições” e “práticas de convivências” as características dos povos africanos e indígenas. É a mescla que retrata um encontro de duas culturas, sistemas da visão interpretativa do mundo, da religião e das diversas compreensões do Deus da vida. No cotidiano da comunidade cafuzada percebe-se que esta “sincronia” traz a riqueza de símbolos e sinais e a manifestação do sagrado sob diversos aspectos e ritos (afro-indígenas). Como nos textos bíblicos sobram elementos que fortalecem as ambiguidades enfraquecendo uma noção distinta, sistemática e explícita, cabe o desafio do exercício de aproximação, observação e o discernimento junto às manifestações do Deus da história na história destes povos ameaçados pelos sistemas etnocêntricos e racistas, que marcam os últimos tempos da humanidade.

UMA HISTÓRIA POUCO CONTADA

Os cafuzados convivem numa comunidade formada pelos descendentes de Jesuíno Dias de Oliveira (filho de escravos africanos) e de Antônia Lotéria Oliveira (filha de uma nação indígena desconhecida). Tiveram uma importante participação na Guerra do Contestado (1912-1916). A presença deste grupo étnico termina quando,

sob a mira das armas das milícias paulistas, são obrigados a descer a Serra Geral em busca de refúgio e terras para viver.

Durante muitos anos ocuparam terras desertas na Serra do Mirador. Em 1947 são expulsos e, no mesmo período, aldeados na localidade de Rio Platê, interior da área indígena da nação *Xokleng*, denominado de Posto Indígena “Duque de Caxias”, no município de Ibirama (Santa Catarina).

Estas novas terras nunca foram do agrado da comunidade cafuzo. A resistência de criar raízes nas terras do povo *Xokleng* marca a luta pela terra definitiva, que sempre foi um sonho dos antigos.

24

Isto acontece em 26 de novembro de 1992, quando foi ocupada a área no Alto Laeisz, com trinta e quatro famílias, no município de José Boiteux. A garantia da comunidade cafuzo da posse dos oitocentos e setenta e um hectares de terra veio em 21 de maio de 1993, quando o presidente do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) assinou a escritura de compra e venda do imóvel. Conquistava-se assim mais uma vitória na luta pelas “terras remanescentes de quilombo”, prevista na atual Constituição brasileira.

A TERRA É NOSSA MÃE

Faz parte da mística da comunidade cafuzo o reconhecimento do que é “a terra mãe”. “A terra é tudo.” Nos relatos dos mais velhos estão presentes as afirmações de que “Deus deu a terra para os seus filhos. Ele não vendeu, mas deixou para que cuidássemos bem dela. Para nós, a terra é vida. dela Deus faz nascer as plantas, os frutos, a água, o ar e tudo o que nos sustenta. A terra representa a nossa vida, saúde e luta”.

A história dos povos indígenas e africanos é marcada por uma estreita relação com a terra. Ela é respeitada como elemento sagrado e dado pelo Criador. Assim, temos que respeitar o sentido afirmado pela comunidade cafuzo quanto ao mistério desta terra por eles possuída: “Agora, graças a Deus estamos no nosso pedaço de chão. Podemos viver em liberdade e paz. Aqui podemos viver juntos, unidos sem precisar dividir o nosso povo, a nossa comunidade. E assim, podemos nos organizar melhor. O nosso sonho e a nossa luta são o viver em liberdade para nós e nossos filhos. Ter um pedaço de chão para plantar. Isso nós conseguimos!”

O SONHO SE CONCRETIZA NA LUTA PELA TERRA

Na tradição do povo cafuzo entende-se que a sua fé e a sua luta acontecem pelo poder divino. São filhos da terra e o que sustenta a sua luta são a esperança e a união da comunidade.

A luta é feita de sonhos e mitos. “Nossos antepassados já sonharam, lutaram e ‘descansaram’, buscando uma terra, um pedaço de chão.”

É um povo que nunca desanima porque acredita na presença de um Deus que caminha junto ao cotidiano da comunidade. Nesta luta os cafuzos aprenderam a conviver com a solidariedade e o apoio de entidades não-governamentais e da sociedade civil sensibilizada com a sua luta.

POR QUE O PIXURUM É BOM?

O povo santo do Contestado, seguindo os conselhos e o testemunho de São João Maria de Agostini (monge leigo que liderou a organização das mulheres e homens no período de 1912-1916), conservou alguns valores e práticas vividas no coletivo, que são educativos até os dias de hoje. Na luta contra os interesses econômicos e a ganância da época, nasce uma prática denominada *pixurum*. Ainda hoje, os cafuzos continuam vivendo esta prática, desafiando o tempo e testemunhando a possibilidade de se viver numa comunidade com práticas coletivas.

O *pixurum* começou a ser praticado pelo povo cafuzo na época que estava em Faxinal. Ali, os homens rogam e as mulheres capinam. Durante esta atividade comunitária têm-se o costume de cantar e gritar. Assim, o trabalho fica mais divertido e com um caráter festivo. É um trabalho coletivo marcado por muita alegria, onde o interesse é cumprir uma tarefa comum a todos.

Esta ajuda considerada como *pixurum individual* ocorre quando alguém está em dificuldade, como por exemplo, um doente ou uma viúva. Nestes casos, cada pessoa que participa da “ajuda” leva a sua própria alimentação para não dar despesas a quem será beneficiado e ganha a solidariedade de tal modo que, quando precisar de ajuda, como por exemplo, fazer o plantio de uma roça, num dia, ele a terá.

Há também o *pixurum* que começa na segunda-feira e vai até a sexta-feira. Cada dia as famílias fazem o trabalho numa roça e o dono da roça é quem oferece a refeição.

FÉ MESSIÂNICA

Este povo é marcado pelo catolicismo caboclo, que tem a sua origem no planalto serrano catarinense. Esta tradição marca por muitos anos as práticas cristãs desta região devido à falta de acesso do clero ao projeto da igreja oficial, bem como pelas dificuldades de locomoção dos caboclos até as cidades mais próximas. Assim, desenvolve-se o jeito caboclo próprio de cantar, rezar e celebrar.

Entre as manifestações do catolicismo caboclo vamos relacionar as mais importantes praticadas pela comunidade atual:

- a recomendação das almas: a “recomenda” é formada por um grupo de pessoas que passa por todas as casas do cafuzeiro, rezando e cantando, durante toda a noite, na quaresma. A recomenda das almas é feita no terreiro da casa em frente a uma cruz de cedro.
- desagravos: relacionam-se com o culto dos mortos e promessas para os santos.
- mesa dos inocentes: trata-se de uma oferta de alimentos para um grupo de crianças, em agradecimento por tudo o que acontece na comunidade. É também para pedir boa sorte para o futuro.
- bandeira do Divino e a festa de Santa Cruz: com a morte do rezador, sr. Antônio Alves Machado, estas práticas religiosas deixaram de acontecer, por ele ser o único a guardar as rezas e as cantorias.
- terços: são práticas tradicionais que acontecem em dias escolhidos da semana. Entre os santos devotos estão Nossa Senhora Aparecida, a Santíssima Trindade, o divino Espírito Santo e o profeta São João Maria de Agostini, não esquecendo São Sebastião e Santo Antônio.

NO TESTEMUNHO UMA MENSAGEM DE SEGUIMENTO

A prática vivida pela comunidade cafuzo enriquece o seguimento da palavra de Deus que aparece na história das mulheres e homens de hoje. Trata-se de um grupo de afro-ameríndios que, movidos por uma certeza absoluta no “Deus da Vida”, conseguem indicar para todos que deles se aproximam um jeito próprio de viver e experimentar as práticas de partilha, respeito à natureza e do desejo de serem construtores dos seus próprios sonhos. Como podemos encontrar nos escritores bíblicos, os cafuzos têm seu jeito de acolher os “estrangeiros”, de integrar o “desgarrado”. É fazer um entre os demais na busca desenfreada do desejo de viver em plenitude.

26

Na Bíblia encontramos outras definições que se assemelham a esse desejo de viver em plenitude. Por exemplo, para Paulo a eleição em grupo pode incluir alguns judeus, mas deve também abraçar os gentios (Romanos 11,25; Gálatas 3,28). Já para Mateus o convite acontece para muitos, mas Deus escolhe apenas uns poucos (Mateus 22,14).

Temos que considerar este processo de escolha adotado aos “eleitos de Deus”. Aqui incluímos os grupos remanescentes de quilombos, em particular os cafuzos do Rio Laiesz, a partir do novo critério revelado na prática de Jesus: *E já não há grego nem judeu, circunciso ou incircunciso, estrangeiro ou bárbaro, escravo ou livre, mas apenas Cristo, que é tudo em todos. Como escolhidos de Deus, santos e amados, vistam-se de sentimentos de compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência* (Colossenses 3,11-12).

Marcos Rodrigues da Silva é teólogo católico e assessor da Comissão Pastoral da Terra em Santa Catarina.

Rua Arno Hoeschel, 67
88015-620 Florianópolis - SC